

A RESIDÊNCIA COMO ESPAÇO PARA O LAZER DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO BRASIL

Luiz Wilson Alves Corrêa Pina¹

Sandra de Campos Seixas²

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro³

Giselle Helena Tavares⁴

Antonio Carlos Bramante⁵

RESUMO: O texto apresenta os resultados e considerações relativos ao uso do espaço físico residencial para o lazer, durante a pandemia COVID-19 no Brasil, conforme pesquisa descritiva de natureza quali-quantitativa, elaborada em março-julho de 2020, utilizando questionários enviados e recebidos em maio. As possibilidades e condicionantes das experiências de lazer nos ambientes domésticos foram questionadas e analisadas, considerando as características das residências e os modos de utilização dos seus espaços.

Palavras-chave: Lazer. Espaço. COVID-19.

THE RESIDENCE AS A SPACE FOR LEISURE DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

ABSTRACT: The paper presents results and further considerations regarding the use of residential physical space for leisure during the Covid-19 pandemic in Brazil. A qualitative and quantitative descriptive research were used, prepared during March-July 2020. Questionnaires were sent and received in May. Residential spaces were used for leisure

¹ Pesquisador do LAGEL - Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/FEF-UnB, Brasília/DF, Pesquisador do GIEL - Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer/EACH-USP, São Paulo/SP. Email: lwacp@uol.com.br

² Membro permanente da Comissão dos Direitos da Pessoa Idosa da OAB-SP, São Paulo/SP, Pesquisadora do LAGEL - Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/FEF-UnB, Brasília/DF, Email: sdseixas@uol.com.br

³ Pesquisadora do LAGEL - Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/FEF-UnB, Brasília/DF, Pesquisadora do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP, Rio Claro/SP. <https://orcid.org/0000-0001-7782-9915>. Email: anapaulaguizarde@yahoo.com.br

⁴ Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia - FAEFI-UFU, Pesquisadora do LAGEL - Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/FEF-UnB, Brasília/DF, Pesquisadora do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP, Rio Claro/SP, Pesquisadora GERE - Grupo de Pesquisa sobre Gestão do Esporte, Lazer e Saúde – FAEFI/UFU. <https://orcid.org/0000-0001-7369-4398>. Email: gi_htavares@yahoo.com.br

⁵ Líder do LAGEL - Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/FEF-UnB, Brasília/DF. <https://orcid.org/0000-0002-8957-9463>. Email: bramante@uol.com.br

purpose extensively, with different approaches according to their characteristics. Self-management was also observed, which implies the need for more and better leisure education.

Keywords: Leisure. Space. COVID-19.

LA RESIDENCIA COMO ESPACIO PARA EL OCIO DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID-19 EN BRASIL

RESUMEN: El texto presenta los resultados y consideraciones relacionados con el uso del espacio físico residencial para el ocio durante la pandemia COVID-19 em Brasil, según una investigación descriptiva de carácter cualitativo-cuantitativo, elaborada en marzo-julio de 2020, utilizando cuestionarios enviados y recibidos en mayo. Se cuestionaron y analizaron las posibilidades y factores acondicionadores de las experiencias de ocio en entornos domésticos, teniendo em cuenta las características de las residências y las formas de utilizar sus espacios.

Palabras-clave: Ocio. Espacio. COVID-19.

Introdução

O vírus chamado de novo coronavírus (Sars-Cov-2) é o responsável pela doença COVID-19 (*Corona Virus Disease*), na qual se inicia com sintomas parecidos com uma gripe, mas pode levar à infecção respiratória e desencadear uma série de agravos à saúde (FIOCRUZ, 2020). Devido à alta transmissibilidade e à rápida expansão da doença pelo mundo, em março de 2020, a *World Health Organization* declarou a COVID-19, uma pandemia (WHO, 2020). No Brasil, até o dia 21 de abril de 2021 foram confirmados 14.043.076 milhões de casos da doença e 378.003 mil óbitos no país (BRASIL, 2021).

Após a divulgação da Portaria nº 356, do Ministério da Saúde, em 11 de março de 2020 (BRASIL, 2020a), sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 (BRASIL, 2020b), na qual estabelece medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública, inúmeros decretos, municipais e estaduais em todo o Brasil, determinaram o fechamento de todo o comércio de serviços não essenciais. A partir disso, as pessoas passaram a ficar mais em casa, tendo em vista as recomendações de distanciamento físico e social para a prevenção do contágio da doença.

A presente pesquisa, foi elaborada entre março e abril de 2020, com questionários enviados em maio e respondidos até o dia 31 do mesmo mês, motivada pelas consequências da pandemia COVID-19 a qual faz parte de um estudo mais abrangente intitulado “O impacto do distanciamento físico/social decorrente da COVID-19 nas experiências de lazer das pessoas”.

Os segmentos econômicos e socioculturais do lazer, do turismo, dos eventos, da recreação e do entretenimento foram os primeiros a fechar os seus espaços de atendimento, e, provavelmente, serão os últimos a reabrir ou a retornar às suas atividades. Foram vítimas de sua própria especificidade básica, a de reunirem pessoas nas suas atividades e experiências, o que se tornou impossível, diante de uma pandemia provocada por um vírus contagioso.

No campo do lazer⁶, diversos segmentos têm sofrido com a repercussão provocada pela medida de distanciamento social. Estruturas organizacionais completas e complexas que geriam a oferta das experiências de lazer⁷ para a sociedade foram impedidas, temporariamente, de funcionar. As pessoas (profissionais ou não) não administram mais as ofertas das experiências de lazer para terceiros, para públicos frequentadores ou usuários.

Os equipamentos de lazer são “[...] toda instalação que permite a realização de atividades habitualmente consideradas como sendo desse tipo pela população em geral, mesmo se essa instalação é concebida em prioridade para uma ou para muitas outras finalidades” (SOUBRIER, 2000, p.61). Além disso, correspondem a uma grande variedade de espaços e ambientes, como relaciona Pina (2014): teatros, cinemas, centros culturais, salas de espetáculos, salas de concertos, auditórios, oficinas culturais, *Performing Arts Centers* (um conceito norte-americano), centros sociais, clubes associativos, danceterias e discotecas, salas e salões de dança, centros esportivos, parques aquáticos, parques temáticos e de diversões, ginásios de esporte, estádios, pavilhões de esportes, arenas multiusos (cujo grande predecessor é o *Coliseum* de Roma), academias de ginástica, *playgrounds* e parques infantis, *buffets* de festas, parques urbanos, praças urbanas, hotéis, resorts, balneários, marinas, áreas de conservação, como parques nacionais e estaduais; e muitos outros tipos que surgem, conforme mudam os comportamentos culturais em todo o mundo, como por exemplo, as pistas de *skate*.

Os equipamentos de lazer podem ser específicos e não específicos. Os equipamentos específicos de lazer são “espaços pensados, desenhados, construídos ou arranjados para receber atividades de lazer. Foram implantados, equipados e são administrados com essas finalidades” (PINA, 2014, p. 95). Já os equipamentos não específicos de lazer “são aqueles que, na origem, não foram construídos para a prática

⁶ Para este estudo, frente ao atual contexto da pandemia COVID-19, optou-se pelo conceito de lazer de Bramante (2020) *apud* Teodoro *et al.* (2020, p.131) “O lazer é uma dimensão humana privilegiada para poucos, que se traduz pela vivência lúdica possível, realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade, na maioria das vezes, num tempo-espaço conquistado limitado, cuja qualidade está vinculada a um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas ao longo da vida. Trata-se de uma expressão genuína de vida, que valoriza a magia do inesperado, a subjetividade da experiência única, a riqueza dos sonhos e a gratuidade das relações humanas na plenitude da existência”.

⁷ No presente estudo, as vivências no âmbito do lazer foram expressas como experiências de lazer e não como atividades de lazer. Para Bramante (1998; 2020), “atividade” remete a uma conotação mais quantitativa, enquanto que “experiência” considera o componente da sua qualidade e não se repete no tempo e no espaço. Portanto, a experiência será sempre diferente uma da outra.

das atividades de lazer. Posteriormente, porém, têm sua destinação específica alterada, de forma parcial ou total, criando-se espaços para aquelas atividades” (REQUIXA, 1980, p. 80).

Com a medida de distanciamento físico e social, grande parte da população teve que mudar hábitos, muitas pessoas passaram a trabalhar em casa, conciliando o trabalho em casa com o cuidado dos filhos, incluindo o auxílio nas rotinas escolares e o cumprimento de afazeres domésticos. O mesmo aconteceu com o lazer, o entretenimento, a diversão. Quem vivenciava experiências de lazer fora de casa antes da pandemia, passou a vivenciar dentro, processou-se uma troca forçada dos equipamentos específicos de lazer pelas atividades dentro do local de residência, o espaço da moradia, individual e familiar. Como a necessidade vital durante a pandemia é de recolher-se ao local de residência, para evitar a disseminação do contágio, ganha relevância e importância o “lazer dentro de casa”.

Requixa (1980, p.83), um dos pioneiros estudiosos do lazer no Brasil, quando observa que “o espaço doméstico é, por excelência, o espaço para o lazer”, não poderia ter antecipado a realidade que hoje a maior parte da população mundial está vivendo dentro do lar. Como lembra outro estudioso do lazer, parafraseando Requixa, “o principal equipamento de lazer é o espaço doméstico” (CAMARGO, 1989, p.61). Ao longo do tempo, outros pesquisadores, como Bramante (2011) também citaram o lar como principal espaço para as vivências de lazer. Este último autor, menciona em seu estudo, a casa como um local onde as pessoas passam a maior parte do tempo disponível para o lazer e aponta a televisão como uma das principais responsáveis por essa realidade. A pesquisa realizada por Gruber e Stoppa (2017) com 2.400 brasileiros, nas zonas urbanas e rurais do país, corrobora com os estudos anteriores, na qual indicou também a casa como o principal equipamento não específico de lazer e assistir televisão, a atividade mais vivenciada pelos entrevistados neste contexto.

Com a pandemia, a casa pode ter se transformado no único espaço físico para as experiências de lazer, completado pelo espaço virtual, fenômeno pós-moderno das últimas duas décadas. Os estudos recentes de Clemente e Stoppa (2020) e Silva *et al.* (2020), publicados em uma edição especial da Revista Licere sobre lazer e COVID-19, abordaram, especialmente, a temática lazer doméstico e o espaço da casa em tempos de pandemia. Nesses estudos foi possível identificar que as práticas do âmbito do lazer passaram a ser restritas ao espaço físico do lar, com um aumento nas vivências relacionadas ao contexto virtual, ao uso da internet, das redes sociais, bem como assistir filmes, séries e *lives* artísticas.

A partir desses levantamentos, originaram-se algumas inquietações que nortearam o presente estudo: Será que em seu local e condições de isolamento as pessoas possuem espaço físico suficiente para as experiências de lazer? O espaço que elas utilizam atualmente para as experiências de lazer dentro de casa já era utilizado para essa finalidade antes da pandemia? Foi necessária a criação ou adaptação de espaços e/ou

situações para vivenciar o lazer na moradia, nesta realidade de isolamento físico e social?

O foco desta pesquisa está concentrado nos possíveis modos como essas variáveis podem interferir nas experiências de lazer, e como, em alguns casos, podem determinar as possíveis características dos espaços físicos residenciais e a sua qualificação. Portanto, este estudo teve como objetivo principal refletir sobre os espaços residenciais para as experiências de lazer durante o período da pandemia COVID-19.

Método

O presente estudo, de natureza quali-quantitativa, une pesquisa descritiva com levantamento bibliográfico e estudo de campo. Para o início da pesquisa, primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico em livros e bases de dados científicas para a construção da introdução e da revisão de literatura.

A amostra da pesquisa foi do tipo não probabilística, por conveniência e selecionada de forma aleatória por meio de canais de comunicação online. Para determinação da amostra mínima foi utilizado o Programa *Gpower*, *software* usado para calcular o poder estatístico. Considerou-se como base a população brasileira estimada pelo IBGE em 2019 de 210.147.125 pessoas (IBGE, 2019). A amostra mínima estimada foi de 1.067 pessoas, com nível de confiança de 95% (LUIZ; MAGNANINI, 2000). Foram adotados como critérios de inclusão, as respostas válidas do questionário somente de brasileiros, residentes no Brasil, com idade acima de 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa, na qual autorizaram a realização da mesma por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como aqueles que responderam de forma completa o questionário, sem respostas em duplicidade.

Diante do ineditismo da situação causada pela pandemia COVID-19, para coleta de dados foi desenvolvido um questionário específico com perguntas abertas e fechadas, cujo formato utilizado foi do aplicativo *Microsoft Forms*. O instrumento idealizado por um grupo de pesquisadores experientes do campo do lazer passou por um processo de validação por especialistas, como proposto por Pasquali (2010). Após avaliação dos especialistas, foram feitas as correções e adaptações ao questionário considerando-se as médias referentes à clareza e relevância maiores que 80%, conforme sugerem Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010).

Para responder aos questionamentos deste estudo em particular, foram utilizadas 13 questões de um total de 52. Foram formuladas questões sociodemográficas contrastando às questões específicas acerca do uso dos espaços residenciais durante o período da pandemia para as experiências de lazer. As variáveis selecionadas foram: a) Cidade de origem; b) Estado; c) Idade; d) Gênero; e) Renda familiar; f) Escolaridade; g) Estado civil; h) Você está em *home office*/ teletrabalho/ trabalho à distância/ trabalho remoto?; i) Tipo de moradia; j) Nesse período de quarentena e consequente isolamento físico e social você tem tempo para vivenciar o lazer?; k) Em seu local e condições de

isolamento, você tem espaço físico suficiente para experiências de lazer?; l) O espaço que você utiliza para as experiências de lazer dentro de casa já era utilizado para esta finalidade antes da pandemia?; m) Você necessitou criar ou adaptar espaços e/ou situações para vivenciar o lazer nesta realidade de distanciamento físico e social? Comente sua experiência.

O instrumento foi distribuído online por meio de plataformas e redes sociais a partir dos perfis dos membros do grupo de estudos. Foi ainda solicitado o apoio de algumas associações ligadas à gestão, lazer e esporte para divulgação da pesquisa online. A coleta de dados foi realizada de 08/05/2020 a 31/05/2020. Trata-se, portanto, de um estudo diagnóstico retratando as circunstâncias em que as pessoas estavam vivendo no momento da coleta de dados.

Para a análise dos dados quantitativos foi realizada a estatística descritiva e para a análise qualitativa foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) por meio do estabelecimento, *à posteriori*, de três categorias: 1- Caracterização da amostra; 2- Espaço físico para as experiências de lazer e 3- Adaptações de espaços e/ou situações para vivenciar o lazer dentro do lar.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia/MG, sob parecer número: 4.081.860. Os princípios éticos foram assegurados aos participantes da pesquisa, de acordo com a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados e Discussão

Os resultados apresentados na **Categoria 1 – Caracterização da amostra** foram levantados após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão da amostra. O Quadro 1 indica a razão do número de respondentes por população estimada, o número de respondentes e o número aproximado de cidades, representando assim, a distribuição geográfica da amostra do presente estudo.

Quadro 1: Distribuição da amostra pelos Estados da federação.

UF	Razão do número de respondentes por população estimada	Respondentes (n)	Número aproximado de cidades ³	População estimada 2019 (IBGE, 2019)
BA	0,0003%	51	20	14.873.064
PE	0,0029%	281	30	9.557.071
ES	0,0008%	32	11	4.018.650
CE	0,0005%	50	11	9.132.078
RJ	0,0007%	115	26	17.264.943
SE	0,0012%	28	5	2.298.696
SP	0,0012%	542	121	45.919.049
AC	0,0009%	8	2	881.935
MA	0,0005%	34	10	7.075.181
RS	0,0008%	95	54	11.377.239
PA	0,0003%	29	15	8.602.865
GO	0,0004%	25	8	7.018.354
RO	0,0010%	18	5	1.777.225
MS	0,0008%	21	7	2.778.986
SC	0,0011%	80	40	7.164.788
RN	0,0026%	91	13	3.506.853
PR	0,0027%	312	63	11.433.957
DF	0,0069%	209	1	3.015.268
MG	0,0006%	134	54	21.168.791
PB	0,0003%	14	7	4.018.127
TO	0,0006%	10	7	1.572.866
AL	0,0002%	6	4	3.337.357
AM	0,0002%	9	3	4.144.597
PI	0,0008%	27	6	3.273.227
MT	0,0007%	23	9	3.484.466
AP	0,0006%	5	3	845.731
RR	0,0048%	29	2	605.761
Total		2.278	537⁸	210.147.125

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

De acordo com distribuição da amostra por Estado, São Paulo alcançou o maior número de respondentes (n=542). Esta distribuição pode ter ocorrido por conta da maioria dos pesquisadores do presente estudo morar nesse Estado, o que pode ter levado à maior disseminação nessas localidades. Como a pesquisa foi enviada online, os pesquisadores divulgaram entre seus pares, amigos, colegas de trabalho e redes sociais e, provavelmente, isso pode ter contribuído para esta disposição. Mesmo a amostra não sendo estatisticamente representativa, se considerado o número de participantes por

⁸ A quantidade de cidades é um valor aproximado porque existiram casos de respostas no banco de dados cujo item estava marcado como "outros", o que impossibilitou a precisão do número total.

Estado/Região, é possível indicar um panorama nacional sobre o uso dos espaços residenciais em tempos de pandemia. O número total de participantes no estudo foi de 2.278, sendo 26% da Região Nordeste, 5% Norte, 21% Sul, 12% Centro-oeste e 36% da Região Sudeste do país.

Os dados sociodemográficos da amostra da pesquisa estão demonstrados na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos.

Variáveis	n (%)
Gênero	
Feminino	61,4
Masculino	38,4
Outro	0,2
Escolaridade	
Sem instrução e menos de 1 ano de estudo	0,0
Ensino fundamental incompleto	0,4
Ensino fundamental completo	0,6
Ensino médio incompleto	1,5
Ensino médio completo	5,3
Ensino superior incompleto	26,1
Ensino superior completo	23,7
Pós-graduação completa	42,4
Idade	
18 a 39 anos	51,4
40 a 59 anos	39,9
60 anos ou mais	8,5
Não informou a idade	0,2
Renda Familiar	
Não tem	
Até 2 salário mínimo	22,2
De 2 a 3 salários mínimos	14,6
De 3 a 5 salários mínimos	18,2
De 5 a 10 salários mínimos	25,8
De 10 a 20 salários mínimos	15,6
De 20 a 50 salários mínimos	3,2
Mais de 50 salários mínimos	0,4
Estado Civil	
Casado	41,2
Divorciado(a)	7,4
Separado(a) judicialmente	2,1
Viúvo(a)	1,0
Solteiro	37,1
União estável	11,2
Respondentes em home office	50,7

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A média de idade dos respondentes foi 39,8 anos, em uma amplitude de 18 a 84

anos. A amostra do estudo foi composta, na maioria, pelo gênero feminino. Quanto ao estado civil, 41,2% declarou-se casado(a), 37,1% solteiro(a), 11,2% união estável, 7,4% divorciado(a), 2,1% separado(a) judicialmente e 1% viúvo(a).

Em relação à escolaridade, a maioria dos respondentes (42,4%), declarou ter pós-graduação completa, embora este dado não corresponda à realidade brasileira, onde a maioria possui apenas o ensino fundamental completo (IBGE, 2020). Uma hipótese para que o alto grau de escolaridade entre os respondentes tenha ocorrido pode estar relacionada ao fato dos pesquisadores do estudo enviarem, de forma online, o questionário para suas redes sociais, seus contatos pessoais, conhecidos, amigos e colegas de trabalho. Este tipo de divulgação pode ter impulsionado um número maior de pessoas com perfis semelhantes aos dos pesquisadores.

Sobre os dados relacionados ao perfil dos respondentes foi realizado um levantamento dos que estavam trabalhando em *home office*. Entre os participantes do estudo, 50,7% estavam trabalhando em casa, de forma remota no período da coleta. Para as pessoas que estão trabalhando em casa esta situação pode representar um grande desafio, especialmente, pela possível dificuldade em dividir o tempo entre obrigações e não obrigações, entre o trabalho e o lazer, tudo em um mesmo espaço físico, o lar. Mesmo antes da pandemia, estudos como o de Rafalski e Andrade (2015) já indicavam entre as desvantagens do *home office*, a falta de socialização e, no atual momento, com as medidas de distanciamento físico e social, essas desvantagens podem ter sido ampliadas, tendo em vista os novos desafios entre aqueles que obrigatoriamente, tiveram que trabalhar de forma remota, em casa, em plena pandemia.

O *home office* compulsório, aquele que não foi planejado, adotado por muitas empresas por conta da situação de emergência pode ocasionar uma série de dificuldades na vida dos que se enquadram nesta situação, principalmente em relação à separação do trabalho formal da vida privada de cada um (RODRIGUES, 2020). As cobranças ligadas à execução de metas e prazos, concorrem com o tempo do convívio familiar, as tarefas domésticas e as atividades escolares dos filhos (LOSEKANN; MOURÃO, 2020). Entre as mulheres (prevalência na amostra do presente estudo), estes desafios podem ser ainda maiores quando se trata da sobrecarga imposta, principalmente às mães com duplas, triplas jornadas de trabalho. Modesto, Souza e Rodrigues (2020) apontaram em seus estudos que as mulheres ainda tendem a ser as responsáveis pelas tarefas domésticas e apresentaram, em comparação com os homens, maior esgotamento profissional durante a pandemia, afetando inclusive, a autoestima.

Entre os participantes da pesquisa, 50% indicou morar em casa com quintal; 17% em apartamento; 12,4% em casa ou apartamento em condomínio, com espaço de lazer coletivo. Outros 9% residiam em casas sem quintal; 8,7% em casa ou apartamento com sacada/varanda, sem espaço de lazer coletivo; 2,9% em chácaras, sítios ou fazendas. Como a pesquisa englobou 537 municípios, boa parte da amostra é composta de moradores de cidades de médio e pequeno porte, onde predominam ainda as casas como

módulo residencial familiar. Porém, deve-se observar a significativa proporção de apartamentos, sinalizando uma mudança importante nos modos de habitar da população brasileira.

Este resultado corrobora com os dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na qual apontou que a maioria dos brasileiros (85.6%) reside em casas, sendo 62 milhões de moradias (BRASIL, 2020c). Além disso, a pesquisa revelou que 14,2% dos brasileiros moram em apartamentos, cerca de 10 milhões no país e 0,2% em cômodos, cortiços, moradias onde o mesmo ambiente é utilizado para diversas funções como cozinhar, dormir e trabalhar (BRASIL, 2020c).

Como acentua Tuan (1983, p.6-7), autor referência para a Geografia e para a Arquitetura, em Espaço e Lugar a cultura, “em sua infinita diversidade [...]”, “[...] influencia intensamente o comportamento e os valores humanos”, produzindo percepções e experiências variadas e diferenciadas na vivência no espaço e no lugar. Para esse estudioso, “na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar” e “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p.7).

Pode-se afirmar, seguindo o raciocínio de Tuan, que as pessoas identificam o espaço onde moram como um “lugar”, abrigo, refúgio, local de segurança pessoal e familiar, de vivência e de convivência. Essa moradia, apresenta, seguindo o pensamento de Tuan, características influenciadas pela cultura no tempo e no espaço, da época e do território, vila, vilarejo, cidade, região, estado e país onde foi construída. Daí a pertinência da questão sobre os tipos de residência ou moradia das pessoas que responderam ao questionário do presente estudo. Identificar as suas características espaciais é justamente um dos resultados mais importantes da presente pesquisa, considerando que os seus ambientes internos e externos podem condicionar as opções pelas experiências de lazer e influenciar as suas práticas, especialmente nesse período de restrições de convivência física e social.

Por razões óbvias, na maioria das vezes, uma casa com quintal é muito diferente, espacialmente, de um apartamento, quanto às possibilidades de uso dos seus respectivos espaços. Para Porto (2017, p.261) os quintais, mesmo que entre muros, protegidos pelo desejo de privacidade, são espaços para “[...] experiências, descobertas, lazer e encontros”, que podem conduzir às potencialidades afetivas, se configurando como espaços vitais. Jogos, brincadeiras, exercícios físicos, atividades contemplativas, leitura, banhos de sol, no espaço calçado ou cimentado, hortas e jardinagem, nas partes do terreno ainda com terra, são atividades que podem ser realizadas ou vivenciadas nos velhos quintais. Essa realidade de há pouco tempo atrás está cada vez menos frequente nas metrópoles e grandes cidades, porém ainda remanescentes nas cidades médias e principalmente nos contextos urbanos menores, que representa a grande maioria no Brasil.

Os prédios passaram a ser construídos em larga escala a partir da segunda metade do século XX e os apartamentos seguiram as configurações das casas, mesmo que em

menores proporções em relação ao espaço físico e muitos adotaram a reprodução dos quintais das casas (SILVA, 2004), como exemplo, com a extensão do apartamento por meio de sacadas, e, mais recentemente, com os terraços *gourmet*. Como se pode constatar empiricamente, as residências construídas nos últimos anos, principalmente os apartamentos, têm áreas menores do que as edificações de trinta ou quarenta anos atrás.

Para muitas pessoas, a falta de espaço físico nas residências pode se configurar como uma das barreiras para as vivências do campo do lazer e por isso, esta temática foi discutida na **Categoria 2 – Espaço físico para as experiências de lazer**. Foi possível observar que para 70% dos respondentes, o espaço físico de suas casas é suficiente para as experiências de lazer. Entre os respondentes que consideram o espaço físico da casa suficiente para as experiências de lazer, 80% moram em casa com quintal. Neste caso, confirmam espacialmente a assertiva teórica apresentada anteriormente, visualizando a moradia como um local possível para as experiências de lazer.

Mesmo entre os respondentes que estavam em *home office*, 58,7% deles consideram o espaço físico da casa suficiente para essas experiências. Outro dado relevante é que maioria dos respondentes (79%) afirmou que teve tempo para vivenciar o lazer no período de distanciamento físico e social durante a pandemia. Este resultado também é confirmado entre os respondentes que estavam em *home office*, onde a maioria (81,4%), afirmou que teve tempo para vivenciar o lazer durante a pandemia.

O estudo de Montenegro, Queiroz e Dias (2020) indicou que universitários consideram possíveis as vivências de lazer mesmo durante o distanciamento social e que as restrições de acesso aos espaços coletivos podem ter potencializado o uso do ambiente domiciliar para o lazer. Nos achados de Silva *et al.* (2020), as atividades físicas realizadas no lazer em casa, por exemplo, podem não satisfazer as pessoas tanto quanto as desenvolvidas em outros espaços, seja pela ausência de trocas sociais ou limitação do espaço físico. Esses mesmos autores elucidaram que os efeitos negativos do isolamento talvez tenham sido minimizados pelas alternativas encontradas pelas pessoas para a realização de outras atividades do contexto do lazer no ambiente doméstico e que também geraram satisfação, como as que envolvem o ambiente virtual.

Não foi possível identificar os reais motivos para que 30% dos respondentes não considerarem o espaço de sua residência suficiente para as experiências de lazer, configurando-se como uma limitação deste estudo. Por quais motivos isso ocorreu? Seriam as condições pouco favoráveis dos espaços domésticos para as experiências de lazer? Espaços teriam dimensões reduzidas? Estas são questões que podem ser exploradas, possivelmente, em outros estudos sobre o tema. Para uma grande parcela da população, o lar pode representar uma das poucas opções para as vivências do âmbito do lazer (MARCELLINO, 2012), por uma questão de poder aquisitivo ou mesmo, falta de acesso a outros espaços e equipamentos de lazer. Já para outros, que moram em ambientes menos favoráveis, tais como barracos e favelas, as condições podem ser ainda menores para as experiências de lazer no lar.

Ambos os exemplos não representam a maioria da amostra do presente estudo, o que requer outros olhares para esta questão. Este resultado, de não considerar o espaço físico suficiente para as experiências de lazer pode estar associado à dificuldade de se compreender que o lazer pode sim, ser vivenciado no lar e não somente fora de casa, por meio de viagens, passeios, visitas a parques, entre outros. Até mesmo entre a população economicamente mais carente em áreas populosas urbanas, é frequente encontrar as rodas de samba nos quintais, os banhos de sol nas lajes, o churrasco com os amigos para assistir futebol na televisão, entre outros exemplos. Chamado de “pedaços” por Magnani (2003), ações espontâneas e autogeridas pelos participantes, se configuram como ricos cenários para o lazer, o que é, muitas vezes, percebido com baixa ressonância por essa mesma população, como comprovam os estudos etnográficos do pesquisador em referência.

No intuito de aprofundar as discussões envolvendo o espaço residencial e o lazer, a **Categoria 3 - Adaptações de espaços e/ou situações para vivenciar o lazer dentro do lar** visa compreender se este espaço já era utilizado para o lazer antes da pandemia da COVID-19, se criaram ou adaptaram espaços e/ou situações para vivenciar o lazer nesta realidade e quais as experiências de lazer não realizavam e passaram a realizar neste período.

Para 57% dos respondentes da pesquisa, o espaço dentro de casa já era utilizado para as experiências de lazer antes do período de distanciamento físico e social.

Quais seriam as possíveis causas para os 43% dos respondentes não utilizar o espaço de casa para as experiências de lazer antes do período de distanciamento físico e social? Inadequações espaciais? A primeira causa pode estar relacionada à costumeira “falta de tempo” (BRAMANTE, 1996; MAYOR; ISAYAMA, 2017). Habitualmente os moradores da residência estão ocupados com atividades externas durante toda semana como trabalho, escola, ir ao banco, à padaria, ao supermercado, ao posto de combustível, entre outros, e quando chegam em casa, muitos se dedicam aos afazeres domésticos. Além disso, podem, preferencialmente, vivenciar atividades do âmbito do lazer nos equipamentos existentes no seu bairro, região ou cidade, conforme as suas preferências e as suas possibilidades financeiras. Uma segunda provável causa, sempre como hipótese a ser estudada, seria a falta de interesse. Possivelmente, o foco dos interesses pelas experiências fora de casa, nas ofertas de lazer existentes na comunidade, região, cidade, estado e país, é maior para muitas pessoas e/ou famílias, comparativamente às atividades a serem exercidas em domicílio, e neste caso, as práticas na residência são mais residuais ou ocasionais. Uma outra causa pode estar relacionada ao fato de as pessoas não reconhecerem o espaço da casa como um ambiente para experiências no lazer. A pandemia causada pela COVID-19 fez com que as pessoas refletissem sobre a utilização do espaço da casa também como um espaço para o lazer e reconfigurasse seu uso.

Na continuidade desse raciocínio, pode-se conjecturar sobre o grau de interação entre os moradores ou familiares, na questão das experiências do lazer. Empiricamente,

sabe-se que os filhos gostam de participar de atividades com os pais até certa idade, e a partir daí, preferem a companhia dos amigos da mesma faixa etária. As preferências e os interesses também são diferentes entre as gerações, o que dificulta a organização espontânea de atividades de lazer na residência.

Dois outros fatores podem se associar igualmente para a definição do uso da casa para as experiências de lazer: a educação para o lazer e a dificuldade em identificar experiências que podem ser praticadas em casa. Assim, torna-se necessária a realização de ações de educação para o lazer com o intuito de conscientizar a população sobre o potencial da casa como um espaço de lazer e não somente um espaço para realização de obrigações de trabalho. A educação para o lazer estimula a busca por atividades e por interesses específicos, e contribui para que as pessoas procurem realizar as experiências também no contexto familiar e residencial, além da oferta externa.

Finalmente, as características espaciais e funcionais das residências podem conduzir ao desestímulo ao lazer na moradia. Como observado anteriormente, casas com quintais, sejam estes pavimentados ou não, oferecem mais possibilidades para as experiências de lazer em muitas formas e contemplando vários interesses diferenciados.

Quando se trata das adaptações de espaços e/ou situações para vivenciar o lazer dentro do lar, 56% dos respondentes disseram que não fizeram adaptações. Quando realizado o cruzamento dessas respostas entre os participantes que moram em casa com quintal, 57,8% não fizeram adaptações de espaços em sua residência para se vivenciar o lazer. Mesmo assim, entre esses participantes que moram em casa, 78,6% afirmaram que tiveram tempo para vivenciar o lazer na pandemia. Para a maioria dos respondentes, o espaço do lar já pode ser constituído de amplas condições para as experiências de lazer, o que não precisou de qualquer tipo de adaptação.

Para esta questão foi possível identificar os tipos de adaptações realizadas entre aqueles que afirmaram ter adaptado o espaço físico da casa para vivenciar o lazer. Foi necessário elaborar uma grade complementar de análise para as respostas positivas, agrupadas em quatro subcategorias, sendo elas: **Subcategoria A – responderam simplesmente sim, sem acrescentar mais nada** (7% dos respondentes); **Subcategoria B – Modificações na estrutura espacial das moradias, com pequenas ou amplas reformas, mudanças de domicílio**, como por exemplo, a implantação de cobertura em um pátio aberto (1% dos respondentes); **Subcategoria C – Arranjos ou adaptações dos espaços residenciais**, como por exemplo, montar uma estrutura para atividades na garagem, no pátio ou no quintal; ou modificar a forma de uso de um ambiente em definitivo (ou pelo menos enquanto durar o distanciamento social), transformando uma garagem ou um quarto em área de jogos ou de atividades físicas (18% dos respondentes) e **Subcategoria D – Uso dos espaços residenciais existentes com experiências de lazer, completando ou não os ambientes com mobiliários ou equipamentos**, por exemplo, apropriando-se temporariamente (no tempo de lazer) de espaços domésticos com brinquedos ou jogos e utilizando áreas da moradia que tinham outras finalidades, como por

exemplo a sala, o quintal, o terraço, para as experiências de lazer, retomando depois o seu uso original após as atividades (74% dos respondentes).

No caso da Subcategoria A, os respondentes assinalaram simplesmente “sim”, não citando ou explicando detalhes sobre as adaptações realizadas. Dos oito respondentes na Subcategoria B, três realizaram pequenas reformas em suas moradias, um estava fazendo uma reforma total, dois foram para sítios e dois mudaram de residência. Quanto à Subcategoria C, predominaram os arranjos espaciais de um ou de vários ambientes da moradia e a transformação dos modos de uso, principalmente de quartos, garagens e varandas. No caso da Subcategoria D, que representou três quartos das respostas, são citados preponderantemente, os ambientes salas, garagens, varandas, quintais e quartos, os quais foram apropriados nas experiências de lazer com ou sem o auxílio de mobiliários e/ou equipamentos.

Para exemplificar a Subcategoria D, que teve um expressivo percentual nas respostas, algumas falas dos participantes da pesquisa:

Sim, retirei os carros da garagem para poder praticar tênis contra a parede (respondente 36).

Sim, comprei alguns acessórios de pilates para realizar exercícios na sala (respondente 63).

Sim, precisei afastar os móveis da casa e improvisar equipamentos com algum utensílio da casa (respondente 134).

Sim, a sala foi toda reorganizada para realização de atividades com games ativos e dança (respondente 898).

A partir desses resultados, é possível identificar dois tipos de intervenções: a redefinição da utilização do espaço (sempre, enquanto durar o distanciamento social) e o uso alternativo temporário de áreas da residência, para a realização das experiências de lazer, findo o período de afastamento social, o ambiente retorna à sua finalidade original. Clemente e Stoppa (2020), por meio de pesquisas bibliográfica e documental constataram a existência de novas vivências no âmbito do lazer em casa no período da pandemia, incluindo a transformação de algumas, que até então, eram desenvolvidas externas à casa. Para esses autores, foi positiva a capacidade das pessoas se reinventarem neste período, demonstrando o quanto que a sociedade é crítica, criativa e capaz de mudar em meio à crise da COVID-19.

No estudo de Montenegro, Queiroz e Dias (2020), antes da pandemia a principal atividade vivenciada no lazer de universitários eram as realizadas na natureza e, durante o distanciamento social, as que envolviam a utilização da internet. Este resultado corrobora com os estudos de Matos, Pinheiro e Bahia (2020), no qual revelou que as principais

atividades vivenciadas por universitários durante o período de distanciamento social, devido à pandemia COVID-19 tinham relação com a internet, como: bater papo por *WhatsApp*, assistir séries, comunicações por *Instagram*, entre outras. As vivências ligadas ao contexto virtual não precisam de grandes adaptações físicas na casa, porém, exigem a aquisição de equipamentos específicos, que pode elevar os custos para o investimento em comparação com outras atividades que não necessitam de tais equipamentos.

Mesmo entre os respondentes que ganham acima de 5 salários mínimos (45% da amostra), 50% fizeram algum tipo de adaptação e/ou criaram situações para vivenciar o lazer nesta realidade. Por conta disso, infere-se que este fator pode ter contribuído para aquisições de novos livros e jogos eletrônicos ou compra de equipamentos para atividades físicas, pela *internet*, aproveitando a farta oferta disponibilizada pelas empresas que estão com suas lojas físicas fechadas. Esses respondentes podem ainda ter ocupado a cozinha com artes culinárias, sintonizando a TV a cabo em canais que oferecem programas desse gênero, ensinando receitas, técnicas e formas de uso dos gêneros alimentícios, ou ter viajado virtualmente, com os seus familiares, acessando *sites* que mostram lugares e paisagens. Nesses casos, o espaço doméstico seria incorporado com mais facilidade para as experiências de lazer, graças aos recursos dos seus moradores.

A publicação do *blog* da Agência FG (2020, p. 2), com dados do início da pandemia (abril 2020), com base em estudo da E-Commerce Brasil (<https://www.ecommercebrasil.com.br>) já indicava, como as “principais categorias que mais se destacaram em compras”, tais como Alimentos e Bebidas (294,8% de aumento em relação a abril de 2019), Instrumentos Musicais (+252,4%), Brinquedos (+241,6%) e Produtos Eletrônicos (+165,9%), produtos básicos, auxiliares ou complementares para as experiências de lazer, agora direcionadas para o âmbito doméstico. De acordo com Salles (2020) os espaços domésticos ganharam novas funções durante a pandemia; com o aumento da permanência das pessoas em casa, fazendo com que os profissionais do campo da Arquitetura e do mercado imobiliário tivessem que se adaptar aos novos processos de habitação. Um mesmo espaço por exemplo, que serviria para socialização familiar também passou a ser local de trabalho.

Segundo um levantamento realizado em junho de 2020 pelo Imovelweb (um dos maiores portais imobiliários do país), o comportamento do consumidor que compra ou aluga imóveis no Brasil mudou com a pandemia COVID-19. Esses dados revelaram um aumento da procura por áreas com varandas, com um crescimento de 128%, entre maio de 2019 e maio de 2020 e uma ampliação de 96% na busca por imóvel com quintal, no mesmo período analisado. Além disso, o crescimento também foi significativo por imóvel com escritório, com espaço para o trabalho remoto, com cerca de 83% de aumento, entre maio de 2019 e maio de 2020 (IMOVELWEB, 2020).

Considerações Finais

Os resultados obtidos nesse estudo indicam que durante o período de distanciamento físico e social por conta da pandemia COVID-19, as moradias evidenciaram ser espaços e ambientes que permitiram a realização das experiências de lazer. Além disso, a maior parte dos espaços e ambientes, não necessitaram de intervenções estruturais ou de reformas das áreas de habitação e convivência, contentando-se os moradores em realizar algumas modificações ou fazendo uso de componentes de mobiliário e de materiais para jogos, brincadeiras e exercícios físicos.

Poucas intervenções definitivas foram realizadas neste período, em proporção ínfima do total da amostra da pesquisa. Também foi pequena a quantidade de adaptações nos espaços residenciais, geralmente, aproveitando-se as áreas da moradia para o uso em experiências e/ou atividades de lazer. Na maioria dos casos, as pessoas utilizaram os espaços sem modificá-los, incluindo nos mesmos, conforme cada caso, elementos móveis ou equipamentos específicos de atividades, como os de condicionamento físico.

Questionando-se esse aspecto, pode-se pensar em uma hipótese: após a pandemia, quais experiências, atividades ou práticas ligadas ao lazer continuarão a ser vivenciadas na residência? As pessoas retornarão às suas antigas práticas em lugares anteriormente frequentados? Esta é uma sugestão de pesquisa ou estudo para o futuro imediato, inclusive visando investigar qual é a importância da moradia como o espaço prioritário para o lazer das pessoas, como apontam as assertivas teóricas e as contingências advindas da pandemia.

Nesse sentido, como observa Gonçalves (2014, p. 85), “a casa ultrapassa a dimensão funcional e passa a ser uma necessidade humana primordial”. Esse ambiente do residir poderia, pelo menos no breve momento de alguns meses, ter mudado para os respondentes, que representam uma parte da população brasileira? Pode ter mudado a percepção da habitação, como espaço para o lazer, ganhando em importância e significado individual e social. Poder-se-ia, a partir dessa nova perspectiva, ressignificar a moradia como um todo, em um processo coletivo, melhorando as suas características, no caso das classes sociais mais favorecidas, e transformando-as qualitativamente, em estrutura, dimensões e recursos, para as classes sociais mais vulneráveis. Pensar a residência também como um espaço para o lazer, além das suas funções básicas, pode se tornar uma realidade mais palpável a partir dessa emergência. Mais espaço, interno e externo, melhor estrutura física, mais qualidade de construção, mais iluminação natural e melhor arejada, mais uso de novas tecnologias de captação de água de geração de energia alternativa, entre tantos outros avanços. Essas iniciativas mais do que necessárias, quando se pensa na dificuldade de adotar hábitos apropriados de higiene, tão recomendados em tempo de pandemia, como em casas sem rede de água e de saneamento básico, lembrando que as condições de “avaliação de desigualdade sócio-espacial”, a que se refere Grandi (2020, p. 66), refletindo sobre a casa, o isolamento social e a questão habitacional.

“A qualidade do espaço e da habitação humana está ligada ao conceito de lugar

central enraizador, ponto de referência de um sujeito corpóreo no mundo”, diz novamente Gonçalves (2014, p. 85), e esse lugar foi igualmente central para as experiências de lazer durante o tempo do distanciamento social. Que o lazer em casa ganhe importância na vida dos cidadãos, como impulsionador de uma nova qualificação do habitar para todas as pessoas que vivem no Brasil.

Finalmente, entre as sugestões para novos estudos, o lazer no lugar da residência ou moradia ainda pode ser analisado em relação com o urbanismo, com a importância dos espaços públicos, com os equipamentos existentes que permitem a prática esportiva, na relação dos espaços públicos com o mercado imobiliário, com a cessão desses mesmos espaços para exploração por parte da iniciativa privada e tantos outros temas amplos, importantes e atuais que merecem artigos específicos para outras publicações.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA FG. **10 produtos online mais vendidos durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://agenciafg.com.br/blog/10-produtos-online-mais-vendidos-durante-a-pandemia>. Acesso em: 28 jul., 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAMANTE, A. C. **Estilo de vida no lazer em países em desenvolvimento: as razões para a não participação**. Relatório de pesquisa. São Paulo: FAPESP, 1996.

_____. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-17, 1998.

_____. **Professor Bramante é o entrevistado da Sexta de Aprender de julho 2020: lazer em tempos de pandemia**. Sorocaba, 24 jul. 2020. YouTube: Fundação Luiz Almeida Marins Filho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdK7L38309s&t=2961s>. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. *In*: MOREIRA, W. W. (Org.) **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. 17 ed. Campinas: Editora Papirus, 2011. p. 175.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19: Painel Coronavírus**. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 23 ma. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 356, de 11 de março de 2020**. 2020a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. Diário Oficial da União. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020>

242078735. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL, AGÊNCIA BRASIL. **Maioria dos brasileiros mora em casa e é dona do imóvel, mostra IBGE.** 2020c. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/maioria-dos-brasileiros-mora-em-casa-e-e-dona-do-imovel-mostra-ibge>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. *In: PASQUALI, L. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas.* 2010. p. 506-520.

CLEMENTE; A. C. F.; STOPPA, E. A. Lazer doméstico em tempos de pandemia da COVID-19. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.460-484, set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>. Acesso em: 19 abr. 2021.

FIOCRUZ. **Covid-19: que vírus é esse?** 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-que-virus-e-esse>. Acesso em: 23 mar. 2021.

GONÇALVES, T. M. Habitar, a casa como contingência da condição humana. **Rev. Invi**, Santiago do Chile, v. 29, n.90, p. 83-108, mai., 2014.

GRANDI, M. S. Colapso e determinismo escalar em tempos pandêmicos: reflexões preliminares sobre a casa, o “isolamento social” e o déficit habitacional. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 63-87, maio 2020.

GRUBER, G. V.; STOPPA, E. A. O lazer do brasileiro: representações e concretizações nos espaços e equipamentos. *In: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas.* Campinas: Autores Associados, 2017. p.81-94.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas de população enviadas ao TCU.** 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=25272&t=resultados>. Acesso em: 31 jul. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil, população, educação.** 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

IMOVELWEB. **Busca por imóveis com varanda cresce 128% em junho de 2020.** 2020. Disponível em: <https://www.imovelweb.com.br/noticias/imovelweb-index/imprensa/busca-por-imeveis-com-varanda/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

LOSEKANN, R. G. C. B.; MOURÃO, H. C. Desafios do teletrabalho na pandemia COVID-

19: quando o home vira office. **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, ed. especial, p.71-75, 2020.

LUIZ, R. R.; MAGNANINI, M. A lógica da determinação do tamanho da amostra em investigações epidemiológicas. **Cadernos de Saúde Coletivo**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 9-28, 2000.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MATOS, L. S.; PINHEIRO, W. C.; BAHIA, M. C. Vivências do lazer para discentes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará no contexto de pandemia da COVID –19. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.251-288, set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25433/19772>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MAYOR; S. T. S.; ISAYAMA, H. F. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. In: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017. p.19-36.

MODESTO, J. G.; SOUZA, L. M.; RODRIGUES, T. S. L. Esgotamento profissional em tempos de pandemia e suas repercussões para o trabalhador. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v.21, n.2, p.376-391, mai./out., 2020.

MONTENEGRO, G. M.; QUEIROZ, B. S.; DIAS, M. C. Lazer em tempos de distanciamento social impactos da pandemia de Covid-19 nas atividades de lazer de universitários na cidade de Macapá (AP). **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.1-26, set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24785/19630>. Acesso em: 23 mar. 2021

PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PINA, L.W. **Planejamento de equipamentos de lazer**. São Paulo: Perse, 2014.

PORTO, M. N. Ações poéticas na cidade pró-quintal: você ainda tem quintal? **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v.7, n.13, p.258-274, mai., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15716/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

RAFALSKI, J. C.; ANDRADE, A. L. Home-Office: aspectos exploratórios do trabalho a partir de casa. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.23 n.2, p.431-441, 2015.

REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

RODRIGUES, J. L. **Um olhar da Psicologia para os novos aspectos do trabalho online**. 2020. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí-RS, 2020.

SALLES, A. **Espaços domésticos ganham novas funções durante a pandemia**. UNINTER Notícias. 2020. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/espacos-domesticos-ganham-novas-funcoes-durante-a-pandemia>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SILVA, L. O. Os quintais e a moradia brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.11, n.12, p.61-78, dez., 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/852-Texto%20do%20artigo-2802-1-10-20091104.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SILVA, C. L.; BERGAMO, L. G.; ANTUNES, D.; PATREZE, N. S. Os dias entre o teto e o chão da casa: lazer e práticas corporais no contexto brasileiro em tempos da COVID-19. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.57-92, set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25111>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SOUBRIER, R. **Planification, aménagement et loisir**. 2. ed. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2000. 498 p.

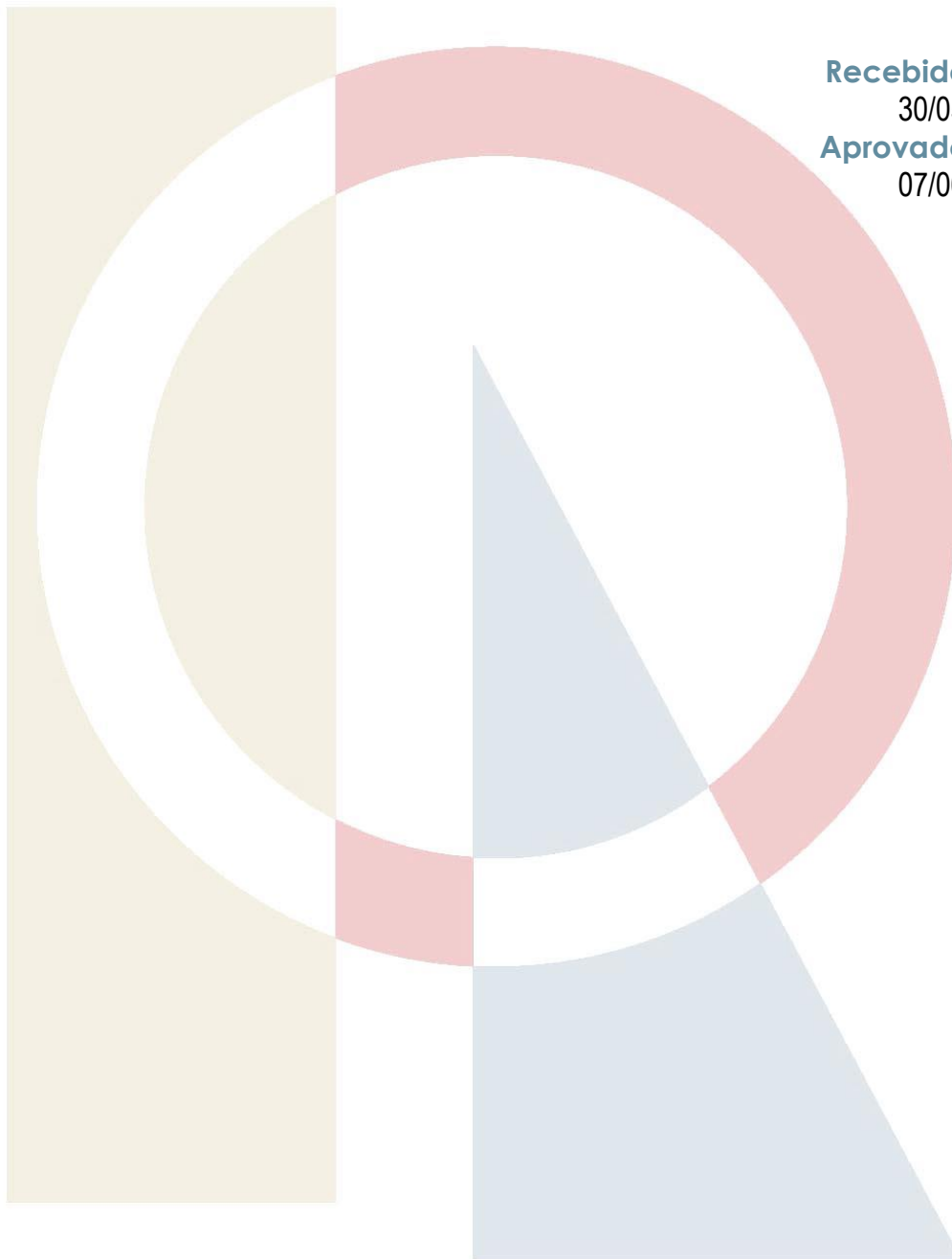
TEODORO, A. P. E. G. *et al.* A dimensão tempo na gestão das experiências de lazer em período de pandemia da COVID-19 no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.126-162, set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25305>. Acesso em: 23 mar. 2021.

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

WHO, World Health Organization. **Coronavirus Disease (COVID-19) Pandemic**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Endereço para correspondência:

Luiz Wilson Alves Corrêa Pina
Av. Diógenes Ribeiro de Lima, n° 3194, Apto. 142, Alto da Lapa
São Paulo/SP - CEP 05083-010.



Recebido em:
30/05/2020

Aprovado em:
07/06/2021